

DESIGUALDADES DE GÊNERO NO EMPREENDEDORISMO NO BRASIL EM 2019: UMA ANÁLISE A PARTIR DA DECOMPOSIÇÃO DE FAIRLIE

Maria dos Santos Marques¹
Keuler Hissa Teixeira²

RESUMO

O estudo tem como objetivo analisar os principais fatores que explicam as diferenças de gênero no empreendedorismo no Brasil em 2019, focando na probabilidade de homens e mulheres se tornarem empreendedores. Para isso, utiliza-se a regressão logística e a decomposição de *Fairlie*, que permite identificar o efeito das variáveis socioeconômicas e demográficas na disparidade de gênero. A base de dados é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019, abrangendo indivíduos de 18 a 64 anos. Os resultados revelam que, embora o empreendedorismo feminino tenha crescido, as mulheres enfrentam maiores desafios em comparação aos homens, com barreiras culturais e sociais afetando sua inserção no mercado empreendedor. A responsabilidade pelo domicílio, a renda e a educação são fatores relevantes que influenciam diferentemente homens e mulheres. A decomposição de *Fairlie* mostra que apenas 13% da diferença de gênero no empreendedorismo é explicada por variáveis observáveis, sugerindo a importância de fatores não mensuráveis, como barreiras culturais e sociais. Conclui-se que políticas públicas devem focar em reduzir essas barreiras e promover um ambiente mais inclusivo para as mulheres.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino, Desigualdade de gênero, Decomposição de *Fairlie*.

Código JEL: J21, J24, L26

ABSTRACT

The article aims to analyze the main factors that explain gender differences in entrepreneurship in Brazil in 2019, focusing on the likelihood of men and women becoming entrepreneurs. For this purpose, logistic regression and the Fairlie decomposition method are used to identify the effect of socioeconomic and demographic variables on gender disparities. The data is derived from the 2019 National Continuous Household Sample Survey (PNADC), covering individuals aged 18 to 64. The results reveal that, although female entrepreneurship has grown, women face greater challenges compared to men, with cultural and social barriers affecting their entry into the entrepreneurial market. Household responsibility, income, and education are relevant factors that influence men and women differently. The Fairlie decomposition shows that only 13% of the gender gap in entrepreneurship is explained by observable variables, suggesting the importance of unobservable factors such as cultural and social barriers. The conclusion is that public policies should focus on reducing these barriers and promoting a more inclusive environment for women entrepreneurs.

Keywords: Female entrepreneurship, Gender inequality, Fairlie Decomposition.

JEL Classification: J21, J24, L26

¹ Mestre em Economia pelo Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: marquesmaria123@outlook.com

² Professor Associado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEAC) e do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: keulerhissa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Brasil se destaca entre os maiores países empreendedores do mundo, com as mulheres desempenhando um papel cada vez mais relevante nesse processo. Em 2018, o país ocupou a sétima posição global quanto à proporção de mulheres entre empreendedores iniciais (GEM, 2018), e elas já representavam 34% dos negócios próprios no país (SEBRAE, 2018). O empreendedorismo feminino vai além da criação de negócios, abrangendo a gestão estratégica e tomada de decisões que geram efeitos positivos na economia, reduzindo a pobreza e fortalecendo as receitas locais (Hapsari; Soeditaningrum, 2018). Além disso, mulheres têm contribuído para o crescimento econômico por meio da geração de empregos e liderando iniciativas inovadoras (SEBRAE, 2019; Olarewaju; Fernando, 2020).

Apesar do avanço da participação feminina no empreendedorismo brasileiro, persistem disparidades significativas em relação aos homens. Embora historicamente o empreendedor seja associado à figura masculina (Román; Brändle, 2016), essa percepção tem mudado com o avanço feminino em posições estratégicas e empreendimentos bem-sucedidos (Araújo et al., 2018). A decisão feminina pelo empreendedorismo pode estar relacionada a fatores individuais, familiares e regionais, destacando-se o aumento de mulheres chefes de família e o avanço educacional (Oliveira; Jacinto, 2017), fortalecendo sua independência econômica em países menos desenvolvidos (Franzke; Froese; Chan, 2022).

Entretanto, ainda persistem barreiras culturais e sociais que limitam o acesso igualitário das mulheres ao empreendedorismo (Fairlie, 2006; Rietveld e Patel, 2022), restringindo seu potencial empreendedor (Fairlie, 2008). No Brasil, muitas mulheres empreendem por necessidade, reflexo das desigualdades históricas e limitações no mercado de trabalho (GEM, 2018). Apesar dos avanços, em 2019, a taxa de empreendedorismo inicial feminina (23,1%) ainda era próxima à masculina (23,5%), mas a proporção de mulheres proprietárias de negócios estabelecidos era inferior (13,9% contra 18,5%) (GEM, 2020). Essa realidade reflete desafios como a disparidade salarial (Moraes e Menezes, 2024; Mesquita e Oliveira, 2016), menor tolerância ao risco e acesso desigual a recursos e redes (Bernat; Lambardi; Palacios, 2017).

Diante desse cenário, este estudo busca analisar os fatores que explicam as disparidades na probabilidade de empreender entre homens e mulheres no Brasil, considerando condicionantes socioeconômicos e regionais (Paes et al., 2019). A questão central que orienta a pesquisa é: Quais fatores influenciam a decisão das mulheres de se tornarem empreendedoras no Brasil e de que forma as disparidades de gênero afetam esse fenômeno? A hipótese é que as mulheres são condicionadas por múltiplos fatores, e que as desigualdades de gênero influenciam significativamente essa decisão, gerando padrões distintos em relação aos homens.

Para responder à questão proposta, o objetivo geral do estudo é analisar os principais fatores que explicam a diferença na probabilidade de empreender entre mulheres e homens no Brasil, em 2019. Especificamente, busca-se: (1) caracterizar o empreendedorismo de acordo com as variáveis socioeconômicas dos indivíduos e (2) verificar como esses fatores influenciam de forma distinta a probabilidade de homens e mulheres empreenderem. Para isso, utiliza-se o modelo *logit*, combinado à decomposição de Fairlie (2006), aplicado aos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019, do IBGE, para estimar as probabilidades de empreendedorismo por gênero.

Este estudo contribui para a literatura ao investigar empiricamente os fatores que influenciam a probabilidade das mulheres empreenderem no Brasil, destacando as diferenças de gênero. Os resultados fornecem subsídios importantes para políticas públicas que promovam o empreendedorismo feminino, reduzindo desigualdades e incentivando um ambiente inclusivo. Após esta introdução, o trabalho apresenta uma revisão da literatura sobre economia do empreendedorismo, com foco em aspectos socioeconômicos, regionais e de gênero, seguida pela metodologia, análise dos resultados e considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA TEÓRICA

Esta seção aborda os principais conceitos da Economia do Empreendedorismo, sua relação com o crescimento econômico, geração de empregos e impostos, além das especificidades do empreendedorismo feminino, considerando motivações e fatores socioeconômicos, regionais e de gênero nas escolhas empreendedoras das mulheres.

2.1. Economia do Empreendedorismo: conceitos e teorias

De forma ampla, o empreendedorismo refere-se à atividade de quem trabalha por conta própria, como empregador ou autônomo (Fossen, 2012; Caliendo, Fossen e Kritikos, 2014). Para Degen (2009), Casson (2010) e Martes (2010), é um motor do crescimento econômico, impulsionado pela geração de empregos, renda e pela habilidade de identificar oportunidades, assumir riscos e buscar lucro. Diversos estudos destacam a importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico.

Dentre esses estudos, Castanhar (2007), Barros e Pereira (2008) e Audretsch, Belitski e Desai (2015) apontam efeitos positivos sobre emprego e arrecadação de impostos, enquanto Almeida, Valadares e Sediya (2017) enfatizam a criação de novos negócios como motor de crescimento. Parker (2009) associa o tema à micro e à macroeconomia, e Serpa, Celeste e Fochezatto (2022) destacam duas abordagens macroeconômicas: geração de riqueza via autoemprego e inovação. Nessa linha, Schumpeter (1934) define o empreendedor como agente da destruição criadora, capaz de transformar mercados por meio da inovação.

Baumol (1990) aponta que o empreendedorismo pode ser produtivo, improdutivo ou destrutivo, conforme o ambiente institucional. Lucas (1978), com a teoria da escolha ocupacional, propõe que os indivíduos empreendem quando essa decisão maximiza sua utilidade esperada. Sob a ótica microeconômica, Menezes, Queiroz e Feijó (2015) afirmam que a escolha pelo empreendedorismo busca maior satisfação em relação ao emprego formal. Essa decisão depende de fatores individuais como idade, raça, gênero e escolaridade (Vieira e Jacinto, 2013; Camargo Neto et al., 2017; Paes et al., 2019; Monteiro e Bastos, 2022), além de aspectos regionais, como indicam Faggio e Silva (2014) em economias desenvolvidas.

Estudos como Menezes, Queiroz e Feijó (2015), Queiroz e Vian (2016) e Moraes (2017) reforçam o empreendedorismo como motor do crescimento, enquanto Almeida, Sediya e Santiago (2017) e Céspedes e Fochezatto (2015) destacam o papel das dinâmicas territoriais no estímulo à atividade local. Ao aprofundar essa discussão, é importante considerar as especificidades do empreendedorismo feminino. Segundo a teoria da discriminação por preferências, de Becker (1957), barreiras e preconceitos limitam as escolhas das mulheres, gerando ineficiências. Superá-los amplia oportunidades, produtividade e competitividade.

Grilo e Thurik (2006), Furdas e Kohn (2010) e Parker (2018) evidenciam que as desigualdades de gênero dificultam a inserção feminina no empreendedorismo. Wit e Winden (1989) também apontam menor propensão das mulheres a empreender, o que é corroborado por Welsch e Young (1984) e Cromie (1987), ao descreverem o autoemprego como majoritariamente masculino. Além das barreiras, destacam-se motivações específicas para o empreendedorismo feminino, como casamento, maternidade e complemento de renda (Almeida, Antonioli e Gomes, 2011; Serpa, Celeste e Fochezatto, 2022). Pérez e Hernández (2016) reforçam a influência de idade, escolaridade e renda na definição desse perfil.

Entre os determinantes, a idade se sobressai, Parker (2009) mostra que ela influencia diretamente a decisão de empreender, e Minola, Criaco e Obschonka (2016) indicam que os jovens têm maior propensão ao empreendedorismo. Johansson (2000) e Taylor (1996) também destacam a relevância da diferença de ganhos entre ser assalariado e ser empreendedor, percepção reforçada por Hammarstedt (2009). Outro fator decisivo é a educação, Jiménez et al.

(2015) demonstram que maiores níveis educacionais aumentam o empreendedorismo formal e reduzem o informal. Dézsi-Benyovszki (2016) reforça esse achado, apontando que a escolaridade amplia a propensão ao autoemprego, especialmente entre mulheres.

A variável étnico-racial também influencia a inserção no empreendedorismo, com maior probabilidade entre brancos no Brasil (Paes et al., 2019). Fatores geográficos, como viver em áreas urbanas ou rurais, também afetam essa decisão (Tamvada, 2007; Rosa, Orellana e Menezes, 2020). Entre as motivações femininas, destacam-se a busca por flexibilidade para conciliar trabalho e família (Davies-Netzley, 2000; Still e Timms, 2000) e os benefícios sociais e previdenciários como fatores de incentivo (Blau, 1987).

2.2. Revisão da literatura empírica

Diversas pesquisas analisam o papel do empreendedorismo na economia, com destaque para as desigualdades de gênero. Arroyo, Fuentes e Jiménez (2016), com dados do GEM (2009) e *logit* hierárquico para 49 países, mostraram que homens têm maior expectativa de crescimento e que inovação é irrelevante para mulheres. Bernat, Lambardi e Palacios (2017), com dados do GEM 2012 e decomposição de *Fairlie*, estimam que 23% a 38% da desigualdade se deve a fatores observáveis, sendo idade e crédito de baixa influência.

No Brasil, Camargo Neto et al. (2017), com dados da PNAD de 2014 e modelo *probit*, mostraram que homens têm maior probabilidade de serem empregadores e autônomos. Para mulheres, a escolaridade aumenta a chance de serem empregadoras, mas reduz a de atuarem como autônomas. Oliveira e Jacinto (2017), com a PNAD de 1992 a 2015, aplicaram regressão quantílica e decomposição de *Oaxaca-Blinder*, concluindo que mulheres brancas, casadas e chefes de família ganham mais, embora as mais educadas recebam menos. Observaram ainda efeitos econômicos contra-cíclicos até 2005 e pró-cíclicos depois.

Avançando na análise da inserção no mercado de trabalho, Santos, Matos e Cassuce (2019), com dados da PNAD de 2015, utilizaram modelo *probit* e decomposição de *Fairlie*, concluindo que educação e experiência são mais determinantes para mulheres, enquanto o papel de referência no domicílio é mais relevante para os homens. Já, Monteiro e Bastos (2022), com dados da PNADC de 2020 e modelo logístico, identificaram que ser homem, branco e chefe de família aumenta a chance de empreender, enquanto baixa escolaridade e viver em áreas urbanas a reduzem. Também observaram que a escolaridade tem efeito positivo na agricultura e que homens têm menor probabilidade de empreender na indústria.

Quanto às desigualdades salariais, Moraes e Menezes (2024), com dados da PNADC de 2012 a 2023, aplicaram regressões quantílicas e decomposição de *Oaxaca-Blinder*, constataram que, embora empreendedores ganhem mais que assalariados, persistem desigualdades: homens ganham mais que mulheres, e negros menos que brancos, sobretudo nos quantis superiores. De forma semelhante, Mesquita e Oliveira (2016), com o Censo de 2010, usaram o modelo de *Heckman* e a decomposição de *Oaxaca-Blinder* para analisar o diferencial salarial por gênero no Rio Grande do Sul. Mesmo com maior escolaridade, mulheres ganham menos, e parte da diferença não é explicada, sugerindo discriminação.

Por fim, Paes et al. (2019), com dados da PNAD de 2015 e modelo *probit*, analisaram os determinantes do empreendedorismo no Rio Grande do Sul. Os resultados mostraram que homens, brancos, com mais idade e escolaridade têm maior probabilidade de empreender. Por outro lado, morar em áreas urbanas ou metropolitanas, ser aposentado ou pensionista reduz essa probabilidade, enquanto o recebimento de renda de aluguel tem efeito positivo.

Em síntese, a literatura empírica evidencia que o empreendedorismo feminino é influenciado por fatores como educação, experiência, condições socioeconômicas, localização, gênero e raça. Apesar dos avanços, persistem barreiras significativas para mulheres e minorias, especialmente no acesso ao mercado formal e às oportunidades empreendedoras.

3. METODOLOGIA

3.1 Variáveis e base de dados

O estudo investiga os fatores que influenciam a decisão das mulheres de se tornarem empreendedoras no Brasil, bem como as disparidades de gênero nesse processo. Utiliza os microdados da PNADC de 2019 (IBGE), ano selecionado por representar o cenário anterior à pandemia de COVID-19. A amostra inclui indivíduos de 18 a 64 anos, residentes em áreas urbanas e rurais, considerados economicamente ativos.

A variável dependente é o empreendedorismo, definida como binária: 1 para empreendedores (empregadores ou por conta própria) e 0 para os demais, conforme Fossen (2012) e Caliendo, Fossen e Kritikos (2014). Entre as explicativas, destaca-se o sexo (0 = homens, 1 = mulheres), essencial para identificar disparidades de gênero. Román e Brändle (2016) associam historicamente o empreendedorismo ao masculino, embora Araújo et al. (2018) apontem o crescimento da presença feminina no setor.

A condição de responsável pelo domicílio (0 = não, 1 = sim) também é considerada, com base em Oliveira e Jacinto (2017) e Paes et al. (2019), que a associam a maior propensão ao empreendedorismo, especialmente por necessidade. A composição familiar é representada pelo número de moradores: (0) um (referência), (1) dois, (2) três ou quatro, (3) mais de quatro. Segundo Serpa, Celeste e Fochezatto (2022), essa variável permite avaliar como o tamanho da família influencia a escolha ocupacional, sobretudo entre mulheres.

Do mesmo modo, a variável faixa etária foi dividida em cinco grupos: (0) 18–24 anos (referência), (1) 25–34, (2) 35–44, (3) 45–54 e (4) 55–64 anos. Parker (2009) e Minola, Criaco e Obschonka (2016) reforçam que a idade e o estágio de vida são fatores relevantes para decisões empreendedoras. No que se refere à variável de cor ou raça, foi adotada a codificação binária: (0) não brancos e (1) brancos, conforme Paes et al. (2019), para captar desigualdades no acesso a oportunidades e recursos que influenciam a decisão de empreender.

Variáveis de acesso à tecnologia e informação, como TV, internet e computador (0 = não, 1 = sim), foram incluídas com base em Ferraz (2019), Serpa, Celeste e Fochezatto (2022) e Blau (1987), que destacam seu papel na redução de custos, acesso a mercados e ampliação de oportunidades. Também foram consideradas participação sindical e recebimento de aposentadoria ou pensão. Albagli e Maciel (2002) veem os sindicatos como redes de capital social que incentivam o empreendedorismo, especialmente entre mulheres. Blau (1987) ressalta que a aposentadoria pode reduzir a dependência do emprego formal e estimular o autoemprego.

No campo das políticas sociais, o recebimento do Bolsa Família (0 = não, 1 = sim) foi incluído para analisar o empreendedorismo em contextos de vulnerabilidade. Segundo Moreira (2013), o benefício pode garantir estabilidade e incentivar mulheres a investirem em pequenos negócios. A variável atividade agrícola (0 = não, 1 = sim) considera o contexto rural, onde o empreendedorismo informal é comum, conforme Tamvada (2007) e Monteiro e Bastos (2022), que o associam ao trabalho por necessidade.

A variável horas trabalhadas foi dividida em cinco faixas: (0) até 15 horas (referência), (1) 15–39 horas, (2) 40–44, (3) 45–48 e (4) acima de 49 horas. Essa variável, fundamentada em Serpa, Celeste e Fochezatto (2022), permite analisar a relação entre carga horária e atividade empreendedora. Outro aspecto central é a renda domiciliar per capita, categorizada em seis faixas: (0) abaixo de R\$500, (1) R\$500–1000, (2) R\$1000–1500, (3) R\$1500–2500, (4) R\$2500–5000, (5) acima de R\$5000. Oliveira e Jacinto (2017) e Moraes e Menezes (2024) destacam a relação entre renda, desigualdades salariais e a decisão de empreender.

A variável urbana (0 = rural, 1 = urbana) foi incluída para captar diferenças territoriais, com base em Rosa, Orellana e Menezes (2020), e Monteiro e Bastos (2022), que apontam maior propensão ao empreendedorismo nas cidades. A escolaridade foi categorizada como: (0)

Fundamental incompleto (referência), (1) Fundamental completo, (2) Médio completo, (3) Superior. Jiménez et al. (2015) e Oliveira e Jacinto (2017) associam maior instrução a melhores chances de sucesso. Por fim, a variável macrorregião capta variações geográficas, tendo o Norte como referência (0), seguido por: (1) Nordeste, (2) Sudeste, (3) Sul e (4) Centro-Oeste. Camargo Neto et al. (2017) destacam diferenças regionais no perfil empreendedor.

Todas as variáveis domiciliares e individuais foram tratadas como efeitos independentes nos modelos de regressão múltipla. Em síntese, a seleção das variáveis baseia-se em ampla literatura teórica e empírica, permitindo explorar os determinantes do empreendedorismo feminino e suas diferenças em relação ao masculino. A análise contribui para orientar políticas públicas voltadas à igualdade de gênero e ao fortalecimento do empreendedorismo.

3.2 Modelo *logit*

O estudo adota a metodologia de Serpa Celeste e Fochezatto (2022), aplicando o modelo *logit* para analisar os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino no Brasil, com foco nas desigualdades de gênero. A variável dependente é binária: 1 para mulheres empreendedoras e 0 para não empreendedoras. O modelo estima a probabilidade de empreender com base em variáveis explicativas, assumindo erro com distribuição logística, por meio da função de probabilidade condicional do *logit*.

$$Pr(y_i = 1|x_i) = G(x'_i) = \frac{\exp(x_i\beta)}{1+\exp(x_i\beta)} \quad (1)$$

O termo $G(\cdot)$ denota a função de distribuição acumulada logística, portanto, y_i assume o valor um se a pessoa for empreendedora e zero caso contrário. O vetor x_i inclui variáveis explicativas individuais, demográficas, socioeconômicas, geográficas e de gênero. A estimação é feita por máxima verossimilhança, que determina os parâmetros que maximizam a função de verossimilhança, expressa da seguinte forma:

$$L(\beta) = \sum_i^N \left\{ y_i \ln \left(\frac{\exp(x_i\beta)}{1+\exp(x_i\beta)} \right) + (1 - y_i) \ln \left(\frac{\exp(x_i\beta)}{1+\exp(x_i\beta)} \right) \right\} \quad (2)$$

Os coeficientes do *logit*, estimados por máxima verossimilhança, não têm interpretação direta como na regressão linear, devido à não linearidade. A análise deve focar no sinal e na significância estatística. Como o efeito do regressor depende também da probabilidade do evento não ocorrer, uma forma de interpretação é por meio dos efeitos marginais na razão de chances (*odds ratio*), ou seja, a razão entre as probabilidades de ocorrência e não ocorrência (Greene, 2020; Cameron e Trivedi, 2005).

$$Odds = \frac{Prob(Y=1|x)}{Prob(Y=0|x)} = \frac{\exp(x_i\beta)/[1+\exp(x_i\beta)]}{1/[1+\exp(x_i\beta)]} = \exp(x_i\beta) \quad (3)$$

Linearizando, tem-se que

$$\ln \frac{p}{1-p} = x_i\beta$$

3.3. Decomposição de *Fairlie*

Para analisar as lacunas de gênero no empreendedorismo, utilizamos a decomposição não linear de *Fairlie*, derivada da técnica de *Blinder-Oaxaca*, adequada para variáveis dicotômicas, politômicas, censuradas ou truncadas (Blinder, 1973; Oaxaca, 1973; Jann, 2008). Sua vantagem

é permitir o uso direto dos coeficientes de modelos *logit* ou *probit* (Fairlie, 2006; Fairlie; Meyer, 1999). A contribuição de cada variável é estimada pela variação na probabilidade média ao substituir a distribuição masculina pela feminina, mantendo as demais constantes. Segundo Fairlie (1999, 2006), a decomposição em modelos não lineares pode ser expressa como $Y = F(\bar{X}\hat{\beta})$, conforme a equação (4):

$$\bar{Y}^m - \bar{Y}^f = \left[\sum_{i=1}^{N^m} \frac{F(X_i^m \hat{\beta}^f)}{N^m} - \sum_{i=1}^{N^f} \frac{F(X_i^f \hat{\beta}^f)}{N^f} \right] + \left[\sum_{i=1}^{N^m} \frac{F(X_i^m \hat{\beta}^m)}{N^m} - \sum_{i=1}^{N^f} \frac{F(X_i^m \hat{\beta}^f)}{N^f} \right] \quad (4)$$

Onde N^j é o tamanho da amostra para o gênero j ($m =$ masculino, $f =$ feminino). \bar{Y}^j é a probabilidade média da variável dependente para o sexo j , X_i^j é o vetor de variáveis independentes para o caso i no sexo j , β^j é o vetor de coeficientes estimados (incluindo constante) e $F(\cdot)$ é a função de distribuição logística. O primeiro termo representa a parte da lacuna de gênero atribuída às diferenças em X ; o segundo termo reflete diferenças nos coeficientes e nas características não observadas (Fairlie, 1999, 2006). Outra formulação equivalente, desenvolvida em Fairlie (1999, 2006), é apresentada pela seguinte equação (5):

$$\bar{Y}^m - \bar{Y}^f = \left[\sum_{i=1}^{N^m} \frac{F(X_i^m \hat{\beta}^f)}{N^m} - \sum_{i=1}^{N^f} \frac{F(X_i^f \hat{\beta}^f)}{N^f} \right] + \left[\sum_{i=1}^{N^m} \frac{F(X_i^m \hat{\beta}^m)}{N^m} - \sum_{i=1}^{N^m} \frac{F(X_i^m \hat{\beta}^f)}{N^m} \right] \quad (5)$$

As estimativas dos coeficientes do grupo feminino, ($\hat{\beta}^f$) são usadas como pesos para o primeiro termo na decomposição e as distribuições (X^m), do grupo masculino no segundo. Essa escolha pode gerar resultados distintos, um problema conhecido da decomposição de *Blinder-Oaxaca*. Como sugerido por Oaxaca e Ransom (1994), adotamos uma terceira abordagem, utilizando estimativas de coeficientes obtidas por uma regressão *logit* com uma amostra agrupada (*Pooled*) de ambos os gêneros para calcular as decomposições.

No entanto, identificar a contribuição das diferenças de grupo em variáveis específicas para a diferença de gênero não é tão direto. Para simplificar, assume-se que $N^m = N^f$ e uma correspondência um-para-um (*one to one*) entre mulheres e homens. Utilizando os coeficientes de uma regressão *logit* para uma amostra agrupada, $\hat{\beta}$, a contribuição independente de X_1 para a diferença de gênero pode ser expressa como:

$$\frac{1}{N^f} = \sum_{i=1}^{N^f} F(\hat{\alpha}^* + X_{1i}^m \hat{\beta}_1^* + X_{2i}^m \hat{\beta}_2^*) - F(\hat{\alpha}^* + X_{1i}^f \hat{\beta}_1^* + X_{2i}^f \hat{\beta}_2^*) \quad (6)$$

De forma similar, a contribuição de X_2 pode ser expressa como:

$$\frac{1}{N^f} = \sum_{i=1}^{N^f} F(\hat{\alpha}^* + X_{1i}^f \hat{\beta}_1^* + X_{2i}^m \hat{\beta}_2^*) - F(\hat{\alpha}^* + X_{1i}^f \hat{\beta}_1^* + X_{2i}^f \hat{\beta}_2^*) \quad (7)$$

Uma propriedade importante da técnica é que a soma das contribuições individuais corresponde à contribuição total das variáveis independentes para a diferença de gênero na variável dependente. Também é possível estimar o peso de cada variável, substituindo a distribuição feminina pela masculina e mantendo as demais constantes.

Como os tamanhos das amostras geralmente diferem, aplica-se pareamento um-para-um (equações 6 e 7). Como a amostra feminina costuma ser menor, utilizam-se os coeficientes da amostra agrupada para estimar as probabilidades previstas \hat{Y}_i . Em seguida, sorteia-se uma subamostra aleatória de homens com o mesmo tamanho da feminina (N^f), e os grupos são ordenados e pareados por posição, comparando indivíduos com características semelhantes.

A decomposição depende da randomização de subamostras masculinas e, para aproximar os resultados da amostra completa, são extraídas 1.000 subamostras aleatórias, calculada a decomposição em cada uma e usada a média das estimativas. Como o modelo é não linear, a ordem das variáveis pode influenciar os resultados. Por isso, Fairlie (2006) recomenda testar diferentes ordenações para verificar a robustez.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise preliminar da Tabela 1 permite compreender o perfil dos empreendedores brasileiros e suas diferenças por gênero. Os homens representam 65,52% dos empreendedores, enquanto as mulheres são 34,48%, o que indica que, embora o empreendedorismo feminino tenha crescido, os homens ainda predominam. Ressalta-se que os dados se referem a apenas um ano e devem ser interpretados com cautela.

Ao se examinar as variáveis por gênero, observa-se que 57,79% dos homens são responsáveis pelo domicílio, contra 46,95% das mulheres, refletindo um padrão ainda tradicional, embora haja crescimento da responsabilidade feminina. Em relação à cor ou raça, a maioria é não branca: 56,16% entre os homens e 52,55% entre as mulheres, o que evidencia uma presença relevante de empreendedores não brancos.

Na renda domiciliar per capita, mais mulheres estão na faixa de renda acima de R\$5.000 (33,22%), enquanto homens se concentram entre R\$2.500 e R\$5.000 (30,71%), sugerindo contextos socioeconômicos distintos. A maioria tem entre 35 e 44 anos, com leve vantagem feminina (28,27% vs. 27,61%). Entre jovens de 18 a 24 anos, há maior presença feminina (8,24% vs. 7,72%), indicando busca por autonomia.

Quanto à escolaridade, as mulheres têm níveis mais altos: 40,48% possuem ensino médio completo e 26,21%, ensino superior, enquanto 40,99% dos homens têm apenas fundamental incompleto. Isso pode influenciar o tipo e a formalidade dos empreendimentos. A maioria vive em domicílios com três ou quatro pessoas (55,50% das mulheres e 54,07% dos homens), refletindo o padrão familiar brasileiro e possíveis arranjos de apoio à atividade empreendedora.

Em relação às horas trabalhadas, 34,89% das mulheres atuam entre 15 e 39 horas semanais, enquanto 37,40% dos homens trabalham de 40 a 44 horas, o que pode indicar que muitas mulheres conciliam o trabalho com outras responsabilidades. O acesso à tecnologia é alto para ambos os grupos, mas superior entre as mulheres: 92,10% têm acesso à internet (contra 85,38% dos homens) e 55,09% usam computador (versus 45,79%).

A participação sindical é baixa, porém um pouco maior entre os homens (7,90%) do que entre as mulheres (6,25%), o que pode refletir a informalidade dos negócios. Mais mulheres recebem aposentadoria (6,74% vs. 4,09%). Já o Programa Bolsa Família tem maior presença entre mulheres (12,59%) do que entre homens (1,46%), sugerindo uma maior associação do empreendedorismo feminino a contextos de vulnerabilidade.

Na atividade agrícola, 16,49% dos homens atuam no setor, contra 6,12% das mulheres, indicando divisão de gênero. Quanto à localização, a maioria vive em áreas urbanas, com maior presença feminina (89,62% contra 82,65%), o que reforça sua atuação no setor de serviços. Ambos os gêneros se concentram no Sudeste (41,10% dos homens e 42,86% das mulheres), mas há ligeira predominância feminina no Nordeste (25,23% contra 24,78%), sugerindo o empreendedorismo como alternativa econômica em regiões mais vulneráveis.

Esses resultados iniciais revelam diferenças marcantes no perfil dos empreendedores por gênero e ajudam a compreender como fatores como renda, escolaridade, setor de atuação, acesso a recursos e localização influenciam as escolhas e os desafios enfrentados por homens e mulheres no empreendedorismo brasileiro.

Tabela 1: Estatística descritiva com pesos amostrais em uma amostra de indivíduos adultos, empreendedores, na PNADC de 2019.

| Variáveis | Categorias | Total | | | | | Homens | | | | | Mulheres | | | | |
|------------------------------------|------------------------|-------------------|--------|-------------|-----|-----|-------------------|--------|-------------|-----|-----|------------------|--------|-------------|-----|-----|
| | | Obs | Mean | Erro-padrão | Min | Max | Obs | Mean | Erro-padrão | Min | Max | Obs | Mean | Erro-padrão | Min | Max |
| Sexo | Homens | 17.270.407 | 0,6552 | 0,4753 | 0 | 1 | | | | | | | | | | |
| | Mulheres | 9.089.850 | 0,3448 | 0,4753 | 0 | 1 | | | | | | | | | | |
| | Total | 26.360.257 | | | | | | | | | | | | | | |
| Responsável pelo domicílio | Sim | 14.247.756 | 0,5405 | 0,4984 | 0 | 1 | 9.980.444 | 0,5779 | 0,4939 | 0 | 1 | 4.267.311 | 0,4695 | 0,4991 | 0 | 1 |
| | Não | 12.112.501 | 0,4595 | 0,4984 | 0 | 1 | 7.289.963 | 0,4221 | 0,4939 | 0 | 1 | 4.822.539 | 0,5305 | 0,4991 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Cor ou raça | Branco | 11.881.216 | 0,4509 | 0,4976 | 0 | 1 | 7.568.703 | 0,4384 | 0,4962 | 0 | 1 | 4.312.514 | 0,4745 | 0,4994 | 0 | 1 |
| | Não-branco | 14.470.948 | 0,5491 | 0,4976 | 0 | 1 | 9.695.701 | 0,5616 | 0,4962 | 0 | 1 | 4.775.246 | 0,5255 | 0,4994 | 0 | 1 |
| | Total | 26.352.164 | | | | | 17.264.404 | | | | | 9.087.760 | | | | |
| Renda domiciliar per capita em R\$ | <R\$500 | 991.731 | 0,0376 | 0,1903 | 0 | 1 | 666.339 | 0,0386 | 0,1926 | 0 | 1 | 325.391 | 0,0358 | 0,1858 | 0 | 1 |
| | R\$500 - R\$1000 | 2.119.017 | 0,0804 | 0,2719 | 0 | 1 | 1.550.503 | 0,0898 | 0,2859 | 0 | 1 | 568.515 | 0,0625 | 0,2421 | 0 | 1 |
| | R\$1000 - R\$1500 | 2.558.268 | 0,0971 | 0,2960 | 0 | 1 | 1.738.897 | 0,1007 | 0,3009 | 0 | 1 | 819.372 | 0,0901 | 0,2864 | 0 | 1 |
| | R\$1500 - R\$2500 | 4.783.008 | 0,1814 | 0,3854 | 0 | 1 | 3.170.391 | 0,1836 | 0,3871 | 0 | 1 | 1.612.618 | 0,1774 | 0,3820 | 0 | 1 |
| | R\$2500 - R\$5000 | 8.048.530 | 0,3053 | 0,4605 | 0 | 1 | 5.304.428 | 0,3071 | 0,4613 | 0 | 1 | 2.744.101 | 0,3019 | 0,4591 | 0 | 1 |
| | >= R\$5000 | 7.859.703 | 0,2982 | 0,4575 | 0 | 1 | 4.839.850 | 0,2802 | 0,4491 | 0 | 1 | 3.019.853 | 0,3322 | 0,4710 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Faixa etária | 18-24 anos | 2.081.888 | 0,0790 | 0,2697 | 0 | 1 | 1.333.199 | 0,0772 | 0,2669 | 0 | 1 | 748.687 | 0,0824 | 0,2749 | 0 | 1 |
| | 25-34 anos | 6.143.809 | 0,2331 | 0,4228 | 0 | 1 | 3.838.776 | 0,2223 | 0,4158 | 0 | 1 | 2.305.034 | 0,2536 | 0,4351 | 0 | 1 |
| | 35-44 anos | 7.337.760 | 0,2784 | 0,4482 | 0 | 1 | 4.768.238 | 0,2761 | 0,4471 | 0 | 1 | 2.569.520 | 0,2827 | 0,4503 | 0 | 1 |
| | 45-54 anos | 6.433.118 | 0,2440 | 0,4295 | 0 | 1 | 4.287.028 | 0,2482 | 0,4320 | 0 | 1 | 2.146.090 | 0,2361 | 0,4247 | 0 | 1 |
| | 55-64 anos | 4.363.682 | 0,1655 | 0,3717 | 0 | 1 | 3.043.163 | 0,1762 | 0,3810 | 0 | 1 | 1.320.519 | 0,1453 | 0,3524 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Nível de instrução mais elevado | Fundamental incompleto | 8.175.048 | 0,3519 | 0,4776 | 0 | 1 | 6.271.500 | 0,4099 | 0,4918 | 0 | 1 | 1.903.549 | 0,2400 | 0,4271 | 0 | 1 |
| | Fundamental completo | 2.514.651 | 0,1082 | 0,3107 | 0 | 1 | 1.776.707 | 0,1161 | 0,3204 | 0 | 1 | 737.942 | 0,0930 | 0,2905 | 0 | 1 |
| | Médio completo | 8.208.478 | 0,3533 | 0,4780 | 0 | 1 | 4.997.755 | 0,3266 | 0,4690 | 0 | 1 | 3.210.723 | 0,4048 | 0,4909 | 0 | 1 |
| | Superior | 4.334.642 | 0,1866 | 0,3896 | 0 | 1 | 2.255.866 | 0,1474 | 0,3545 | 0 | 1 | 2.078.777 | 0,2621 | 0,4398 | 0 | 1 |
| | Total | 23.232.819 | | | | | 15.301.828 | | | | | 7.930.991 | | | | |
| Número de moradores no domicílio | Um | 1.755.954 | 0,0666 | 0,2494 | 0 | 1 | 1.349.898 | 0,0782 | 0,2684 | 0 | 1 | 406.056 | 0,0447 | 0,2066 | 0 | 1 |
| | Dois | 5.414.057 | 0,2054 | 0,4040 | 0 | 1 | 3.346.450 | 0,1938 | 0,3952 | 0 | 1 | 2.067.606 | 0,2275 | 0,4192 | 0 | 1 |
| | Três ou quatro | 14.381.985 | 0,5456 | 0,4979 | 0 | 1 | 9.337.525 | 0,5407 | 0,4983 | 0 | 1 | 5.044.459 | 0,5550 | 0,4970 | 0 | 1 |
| | > Quatro | 4.808.261 | 0,1824 | 0,3862 | 0 | 1 | 3.236.531 | 0,1874 | 0,3902 | 0 | 1 | 1.571.729 | 0,1729 | 0,3782 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---------------------------------------|--------------|-------------------|--------|--------|---|---|-------------------|--------|--------|---|---|------------------|--------|--------|---|---|
| Horas efetivas em todos os trabalhos | <15 horas | 2.470.781 | 0,0937 | 0,2915 | 0 | 1 | 1.033.377 | 0,0598 | 0,2372 | 0 | 1 | 1.437.404 | 0,1581 | 0,3649 | 0 | 1 |
| | 15-39 horas | 7.090.303 | 0,2690 | 0,4434 | 0 | 1 | 3.919.225 | 0,2269 | 0,4188 | 0 | 1 | 3.171.079 | 0,3489 | 0,4766 | 0 | 1 |
| | 40-44 horas | 8.862.619 | 0,3362 | 0,4724 | 0 | 1 | 6.459.725 | 0,3740 | 0,4839 | 0 | 1 | 2.402.896 | 0,2643 | 0,4410 | 0 | 1 |
| | 45-48 horas | 2.233.143 | 0,0847 | 0,2785 | 0 | 1 | 1.677.604 | 0,0971 | 0,2961 | 0 | 1 | 555.539 | 0,0611 | 0,2395 | 0 | 1 |
| | >49 horas | 5.703.408 | 0,2164 | 0,4118 | 0 | 1 | 4.180.476 | 0,2421 | 0,4283 | 0 | 1 | 1.522.932 | 0,1675 | 0,3735 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Possui TV? | Sim | 25.459.928 | 0,9658 | 0,1816 | 0 | 1 | 16.636.694 | 0,9633 | 0,1880 | 0 | 1 | 8.823.234 | 0,9707 | 0,1687 | 0 | 1 |
| | Não | 900.329 | 0,0342 | 0,1816 | 0 | 1 | 633.713 | 0,0367 | 0,1880 | 0 | 1 | 266.616 | 0,0293 | 0,1687 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Possui internet? | Sim | 23.116.793 | 0,8770 | 0,3285 | 0 | 1 | 14.745.479 | 0,8538 | 0,3533 | 0 | 1 | 8.371.316 | 0,9210 | 0,2698 | 0 | 1 |
| | Não | 3.243.464 | 0,1230 | 0,3285 | 0 | 1 | 2.524.928 | 0,1462 | 0,3533 | 0 | 1 | 718.534 | 0,0790 | 0,2698 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Possui computador? | Sim | 12.915.809 | 0,4900 | 0,4999 | 0 | 1 | 7.908.477 | 0,4579 | 0,4982 | 0 | 1 | 5.007.333 | 0,5509 | 0,4974 | 0 | 1 |
| | Não | 13.444.448 | 0,5100 | 0,4999 | 0 | 1 | 9.361.930 | 0,5421 | 0,4982 | 0 | 1 | 4.082.517 | 0,4491 | 0,4974 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Era associado algum Sindicato? | Sim | 1.932.929 | 0,0733 | 0,2607 | 0 | 1 | 1.364.514 | 0,0790 | 0,2698 | 0 | 1 | 568.416 | 0,0625 | 0,2421 | 0 | 1 |
| | Não | 24.427.328 | 0,9267 | 0,2607 | 0 | 1 | 15.905.893 | 0,9210 | 0,2698 | 0 | 1 | 8.521.434 | 0,9375 | 0,2421 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Possuía aposentadoria ou pensão? | Sim | 1.319.086 | 0,0500 | 0,2180 | 0 | 1 | 706.285 | 0,0409 | 0,1980 | 0 | 1 | 612.801 | 0,0674 | 0,2507 | 0 | 1 |
| | Não | 25.041.171 | 0,9500 | 0,2180 | 0 | 1 | 16.564.122 | 0,9591 | 0,1980 | 0 | 1 | 8.477.049 | 0,9326 | 0,2507 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Recebeu rendimentos do Bolsa Família? | Sim | 1.396.245 | 0,0530 | 0,2240 | 0 | 1 | 251.972 | 0,0146 | 0,1199 | 0 | 1 | 1.144.275 | 0,1259 | 0,3317 | 0 | 1 |
| | Não | 24.964.012 | 0,9470 | 0,2240 | 0 | 1 | 17.018.435 | 0,9854 | 0,1199 | 0 | 1 | 7.945.575 | 0,8741 | 0,3317 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Atividade Agrícola | Sim | 3.404.699 | 0,1292 | 0,3354 | 0 | 1 | 2.848.149 | 0,1649 | 0,3711 | 0 | 1 | 556.550 | 0,0612 | 0,2397 | 0 | 1 |
| | Não | 22.955.558 | 0,8708 | 0,3354 | 0 | 1 | 14.422.258 | 0,8351 | 0,3711 | 0 | 1 | 8.533.300 | 0,9388 | 0,2397 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Área Urbana | Sim | 22.420.047 | 0,8505 | 0,3566 | 0 | 1 | 14.273.378 | 0,8265 | 0,3787 | 0 | 1 | 8.146.668 | 0,8962 | 0,3050 | 0 | 1 |
| | Não | 3.940.210 | 0,1495 | 0,3566 | 0 | 1 | 2.997.029 | 0,1735 | 0,3787 | 0 | 1 | 943.182 | 0,1038 | 0,3050 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |
| Região | Norte | 2.568.591 | 0,0974 | 0,2966 | 0 | 1 | 1.805.213 | 0,1045 | 0,3059 | 0 | 1 | 763.378 | 0,0840 | 0,2774 | 0 | 1 |
| | Nordeste | 6.572.340 | 0,2493 | 0,4326 | 0 | 1 | 4.279.163 | 0,2478 | 0,4317 | 0 | 1 | 2.293.176 | 0,2523 | 0,4343 | 0 | 1 |
| | Sudeste | 10.994.518 | 0,4171 | 0,4931 | 0 | 1 | 7.098.182 | 0,4110 | 0,4920 | 0 | 1 | 3.896.337 | 0,4286 | 0,4949 | 0 | 1 |
| | Sul | 4.113.581 | 0,1561 | 0,3629 | 0 | 1 | 2.717.562 | 0,1574 | 0,3641 | 0 | 1 | 1.396.020 | 0,1536 | 0,3605 | 0 | 1 |
| | Centro-Oeste | 2.111.227 | 0,0801 | 0,2714 | 0 | 1 | 1.370.288 | 0,0793 | 0,2703 | 0 | 1 | 740.939 | 0,0815 | 0,2736 | 0 | 1 |
| | Total | 26.360.257 | | | | | 17.270.407 | | | | | 9.089.850 | | | | |

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD Contínua (IBGE, 2019).

A Tabela 2 apresenta os resultados do modelo *logit* para a probabilidade de ser empreendedor no Brasil em 2019, com erros padrão robustos. Foram estimados três modelos separados: apenas mulheres, apenas homens e modelo combinado (*pooled*). As estimativas se mantêm estáveis entre os modelos, indicando robustez. O coeficiente da variável "mulheres" no modelo *pooled* é negativo (-0,5448), com uma razão de chance de 0,580, o que indica que as mulheres têm cerca de 42% menos probabilidades de empreender em relação aos homens, controlando pelas demais variáveis. Esse resultado evidencia a desigualdade de gênero no empreendedorismo, alinhando-se à análise de Román e Brändle (2016), que associam historicamente o empreendedorismo à figura masculina.

A responsabilidade pelo domicílio apresenta coeficientes positivos e significativos em todos os modelos (mulheres: 0,2276; homens: 0,2236), indicando que assumir essa função aumenta a chance de empreender. A razão de chance é de 1,256 para mulheres e 1,250 para homens, sugerindo um aumento de aproximadamente 25% na probabilidade de empreender. Esse resultado reflete a realidade de muitas mulheres que, conforme, Serpa Celeste e Fochezatto (2022) e Almeida, Antonialli e Gomes, 2011, recorrem ao empreendedorismo para conciliar responsabilidades familiares e geração de renda.

Quanto à raça, ser branco está positivamente associado ao empreendedorismo para ambos os sexos. Mulheres brancas têm 20,7% mais chance de empreender (OR = 1,207), e homens brancos, 18,9% (OR = 1,189), apontando uma desigualdade racial persistente no acesso a oportunidades, como evidenciam Paes et al. (2019). A vantagem racial, embora similar entre os gêneros, é ligeiramente mais acentuada entre as mulheres.

A idade exerce forte influência sobre o empreendedorismo, faixas acima de 24 anos apresentam coeficientes positivos e significativos, com destaque para mulheres de 45-54 anos (OR = 3,112) e homens na mesma faixa (OR = 2,026), indicando que a probabilidade de empreender cresce com a idade, especialmente entre mulheres mais velhas. Esses achados corroboram Parker (2009) e Minola, Criaco e Obschonka (2016), que destacam a idade como fator decisivo na decisão de empreender.

O número de moradores no domicílio tem efeitos distintos por gênero, para mulheres, os coeficientes não são significativos, enquanto para homens os efeitos são positivos: OR de 1,260 (dois moradores), 1,195 (três ou quatro) e 1,178 (mais de quatro). Isso sugere que domicílios maiores aumentam a chance de empreender entre homens. No entanto, Serpa, Celeste e Fochezatto (2022) observam influência negativa do tamanho do domicílio sobre o empreendedorismo, indicando que o efeito pode variar conforme o contexto.

A renda domiciliar per capita influencia negativamente a probabilidade de empreender para ambos os sexos. Mulheres com renda entre R\$500 e R\$1000 têm 22,6% menos chance de empreender (OR = 0,774), enquanto homens na mesma faixa apresentam redução de 31,1% (OR = 0,689), em comparação a indivíduos com renda inferior a R\$500. A tendência se repete em faixas mais altas, indicando que o empreendedorismo, sobretudo entre os mais pobres, está associado à necessidade econômica.

Dados do GEM (2017) mostram que 39,9% dos novos empreendedores no Brasil iniciaram por necessidade, percentual que subiu para 55% entre as mulheres em 2020. No mesmo ano, a taxa geral de empreendedorismo caiu para 31,6%, mas cresceu a proporção de empreendedores por necessidade, evidenciando a vulnerabilidade socioeconômica como motor do empreendedorismo. Esses achados contrastam com Serpa, Celeste e Fochezatto (2022), que apontam relação positiva entre renda e empreendedorismo entre mulheres, indicando a influência de outros fatores contextuais.

Os efeitos da escolaridade sobre o empreendedorismo variam entre os gêneros, pois para mulheres o ensino médio reduz em 30,3% a chance de empreender (OR = 0,697), enquanto para homens aumenta em 11,5% (OR = 1,115). Já o ensino superior reduz a probabilidade para

ambos: 50% entre mulheres e 24,7% entre homens (OR = 0,753). Isso sugere que níveis mais altos de educação podem redirecionar os indivíduos para ocupações formais, especialmente os homens, devido ao maior custo de oportunidade. Esses achados estão em linha com Tay (1996), Taylor (1996) e Jiménez et al. (2015), que associam maior escolaridade à redução do empreendedorismo por conta do acesso a empregos mais estáveis. No Brasil, esse padrão reforça que o empreendedorismo, sobretudo entre pessoas com menor renda e escolaridade, tende a ser motivado pela necessidade.

O Bolsa Família tem efeito positivo sobre o empreendedorismo: mulheres beneficiárias têm 33,5% mais chance de empreender (OR = 1,335) e homens, 32% (OR = 1,320). Segundo Corrêa Junior, Trevisan e Pinto de Mello (2019), o programa também contribui positivamente para o mercado formal e o equilíbrio econômico local. A aposentadoria apresenta efeito positivo apenas para homens (aumento de 36,7%).

Quanto ao acesso à tecnologia, os efeitos não são significativos para mulheres, enquanto entre os homens, a posse de TV reduz a chance de empreender em 27,4% (OR = 0,721), possivelmente por priorização de outras atividades. Já o computador (OR = 1,256) e a internet (OR = 1,186) aumentam as chances de empreender, indicando que esses recursos funcionam como ferramentas de apoio ao empreendedorismo masculino.

A análise das horas trabalhadas mostra uma relação não linear, no qual trabalhar mais de 49 horas por semana aumenta a probabilidade de ser empreendedor para ambos os sexos. Para as mulheres, o coeficiente de 0,4180 resulta em uma razão de chance de 1,519, indicando que mulheres que trabalham mais de 49 horas têm 51,9% mais chance de empreender em comparação às que trabalham menos de 15 horas. Para os homens, o efeito é menor, mas ainda positivo, com uma razão de chance de 1,244, sugerindo que homens com jornadas mais longas têm 24,4% mais chance de empreender. Esse resultado sugere que, para ambos os gêneros, jornadas de trabalho mais longas podem estar relacionadas ao trabalho por conta própria, seja por necessidade ou por oportunidades identificadas.

A afiliação sindical reduz significativamente a probabilidade de empreender para ambos os sexos. Para mulheres, a chance é 54,8% menor (OR = 0,542) e, para homens, 61,4% (OR = 0,386), sugerindo que o vínculo com o emprego formal é um fator de retenção, especialmente entre os homens. Embora Albagli e Maciel (2002) apontem os sindicatos como redes de apoio ao empreendedorismo, os resultados empíricos indicam o oposto: a estabilidade e os benefícios do mercado formal parecem desestimular a transição para o empreendedorismo, sobretudo diante dos riscos envolvidos.

A atividade agrícola tem efeito positivo no empreendedorismo para ambos os sexos, com efeito mais forte entre homens (aumento de 93,7%) do que entre mulheres (17,9%), indicando que o meio rural é um vetor importante, sobretudo masculino. Já a variável "urbana" tem efeito negativo apenas para mulheres (redução de 12,8%), sugerindo maior presença feminina empreendedora em áreas rurais. Esse achado diverge de Cassuce (2019), que aponta as áreas urbanas como mais favoráveis ao acesso ao mercado de trabalho, embora os resultados possam variar conforme o contexto analisado.

Em resumo, os resultados acima destacam que o gênero é um fator determinante na probabilidade de ser empreendedor no Brasil. As mulheres têm menor probabilidade de empreender do que os homens e essa diferença é influenciada por uma variedade de fatores, como responsabilidade domiciliar, raça, idade, renda, educação e localização. Além disso, programas sociais, como o Bolsa Família, têm um papel significativo no incentivo ao empreendedorismo, especialmente para as mulheres. A análise das razões de chance permite uma compreensão mais clara da magnitude desses efeitos, revelando as diferenças entre os grupos e o efeito de cada variável na probabilidade de empreender.

Tabela 2: Estimativas do modelo *Logit* para empreendedorismo no Brasil, segundo sexo.

| Variáveis | Mulher | | Homem | | Pooled | |
|----------------------------|------------|---------------------|------------|---------------------|------------|---------------------|
| | Coef. | Erro padrão robusto | Coef. | Erro padrão robusto | Coef. | Erro padrão robusto |
| Mulheres | | | | | -0.5448*** | 0,0182 |
| Responsável pelo domicílio | 0.2276*** | 0,0226 | 0.2236*** | 0,0297 | 0.2255*** | 0,0178 |
| Branco | 0.1883*** | 0,0237 | 0.1732*** | 0,0291 | 0.1777*** | 0,0183 |
| 25-34 anos | 0.5887*** | 0,0418 | 0.5003*** | 0,0554 | 0.5668*** | 0,0336 |
| 34-44 anos | 0.8984*** | 0,0411 | 0.6023*** | 0,0553 | 0.7888*** | 0,0332 |
| 45-54 anos | 1.1352*** | 0,0427 | 0.7060*** | 0,0566 | 0.9697*** | 0,0342 |
| 55-64 anos | 1.4544*** | 0,0470 | 0.9629*** | 0,0638 | 1.2706*** | 0,0378 |
| Dois | 0.0744 | 0,0499 | 0.2312** | 0,0667 | 0.1146** | 0,0392 |
| Três ou quatro | 0.0460 | 0,0473 | 0.1782** | 0,0663 | 0.0866* | 0,0379 |
| >Quatro | 0.0541 | 0,0523 | 0.1637* | 0,0740 | 0.0898* | 0,0421 |
| R\$500 -R\$1000 | -0.2563*** | 0,0621 | -0.3719*** | 0,0833 | -0.2576*** | 0,0491 |
| R\$1000 -R\$1500 | -0.6700*** | 0,0611 | -0.2894*** | 0,0812 | -0.4965*** | 0,0486 |
| R\$1500 -R\$2500 | -0.6411*** | 0,0597 | -0.4010*** | 0,0799 | -0.5132*** | 0,0475 |
| R\$2500 -R\$5000 | -0.5477*** | 0,0609 | -0.4243*** | 0,0815 | -0.4703*** | 0,0484 |
| >R\$5000 | -0.2935*** | 0,0661 | -0.0729 | 0,0874 | -0.1842*** | 0,0523 |
| Fundamental completo | -0.0195 | 0,0370 | 0.2284*** | 0,0506 | 0.0455 | 0,0296 |
| Médio completo | -0.3602*** | 0,0276 | 0.1087** | 0,0375 | -0.2092*** | 0,0219 |
| Superior | -0.7190*** | 0,0411 | -0.2832*** | 0,0484 | -0.5567*** | 0,0307 |
| Bolsa Família | 0.2890** | 0,0887 | 0.2776*** | 0,0454 | 0.1905*** | 0,0374 |
| Aposentado | 0.0463 | 0,0599 | 0.3129*** | 0,0576 | 0.1409** | 0,0410 |
| TV | 0.0122 | 0,0586 | -0.3264*** | 0,0771 | -0.1019* | 0,0464 |
| Computador | 0.0224 | 0,0265 | 0.2282*** | 0,0329 | 0.1010*** | 0,0205 |
| Internet | -0.0033 | 0,0322 | 0.1702*** | 0,0472 | 0.0272 | 0,0261 |
| 15-39 horas trab. | 0.1376** | 0,0517 | -0.3130*** | 0,0435 | -0.1232*** | 0,0336 |
| 40-44 horas trab. | -0.5856*** | 0,0495 | -1.1957*** | 0,0448 | -0.8808*** | 0,0328 |
| 45-48 horas trab. | -0.4548*** | 0,0563 | -0.9228*** | 0,0613 | -0.7065*** | 0,0398 |
| > 49 horas trab. | 0.4180*** | 0,0540 | 0.2187*** | 0,0537 | 0.2359*** | 0,0373 |
| Sindicato | -0.7936*** | 0,0311 | -0.9510*** | 0,0436 | -0.8393*** | 0,0250 |
| Atividade Agrícola | 0.1643*** | 0,0315 | 0.6614*** | 0,0521 | 0.3071*** | 0,0266 |
| Urbana | -0.1368*** | 0,0277 | 0.0315 | 0,0379 | -0.0955*** | 0,0220 |
| Sudeste | -0.5272*** | 0,0331 | -0.3497*** | 0,0441 | -0.4653*** | 0,0261 |
| Nordeste | -0.3316*** | 0,0310 | -0.0004 | 0,0416 | -0.2076*** | 0,0245 |
| Sul | -0.4245*** | 0,0360 | -0.2953*** | 0,0478 | -0.3820*** | 0,0284 |
| Centro-Oeste | -0.4282*** | 0,0382 | -0.2001*** | 0,0493 | -0.3480*** | 0,0299 |
| Constante | -0.2294* | 0,1006 | -0.9966*** | 0,1335 | -0.1784* | 0,0785 |
| Obs. | 90.466 | | 66.597 | | 157.063 | |
| Teste Wald (valor-p) | 0,0000 | | 0,0000 | | 0,0000 | |
| Pseudo R ² | 0,0945 | | 0,0856 | | 0,0957 | |

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD Contínua (IBGE, 2019). Nota: + p-valor <0,10; * p-valor <0,05; ** p-valor <0,01; *** p-valor <0,001.

A Tabela 3 apresenta os resultados da decomposição de *Fairlie* da probabilidade de empreender por gênero. Homens têm 34,36% de chance e mulheres 23,38%, com diferença de 10,98%. Apenas 1,431 pontos percentuais (13%) são explicados pelas variáveis observáveis, sugerindo que a maior parte da disparidade decorre de fatores não mensuráveis, como barreiras culturais, sociais e institucionais. A comparação por gênero mostra efeitos distintos: entre mulheres, o coeficiente de 0,0043 (3,92%) sugere que a dupla jornada limita o empreendedorismo; entre homens, -0,0047 (4,28%) indica incentivo, possivelmente pela pressão de sustentar a família (Santos, Matos e Cassuce, 2019; Monteiro e Bastos, 2022).

A variável raça (branca) também apresenta efeitos opostos: para as mulheres, o coeficiente de -0,0018 reduz a desigualdade em 1,64%, indicando que ser branca contribui para equilibrar as chances de empreender (Paes et al., 2019). Já entre os homens, o coeficiente de 0,0004 amplia em 0,36% a desigualdade, sinalizando vantagem no acesso a redes e capital. Essa vantagem é reforçada por Santos, Matos e Cassuce (2019) e Monteiro e Bastos (2022), que associam a cor branca à maior inserção formal e propensão ao empreendedorismo.

A faixa etária influencia de forma distinta homens e mulheres, refletindo diferentes fases da vida e da carreira. Para mulheres de 25–34 e 35–44 anos, os coeficientes de -0,0043 e -0,0052 reduzem a desigualdade em 3,92% e 4,74%, sugerindo maior engajamento profissional e conciliação com a maternidade. Parker (2009) aponta que o empreendedorismo costuma surgir em transições de carreira. Entre os homens, a faixa de 25–34 anos reduz a desigualdade (coef. -0,0030), enquanto a de 45–54 a eleva (coef. 0,0018), indicando que a experiência acumulada favorece o empreendedorismo masculino, como mostram Monteiro e Bastos (2022).

A renda é um dos principais fatores da desigualdade de gênero no empreendedorismo, com efeitos distintos por faixa. Para mulheres, R\$1000–1500 (coef. -0,0050) reduz a desigualdade em 4,55%, enquanto acima de R\$5000 (coef. 0,0052) aumenta em 4,74%, indicando maior acesso masculino ao capital. Para homens, R\$1000–1500 eleva a desigualdade (coef. 0,0005) e R\$1500–2500 reduz em 0,82% (coef. -0,0009). Moraes e Menezes (2024) apontam que disparidades salariais afetam as oportunidades empreendedoras.

A educação superior tem efeitos opostos por gênero: para mulheres, o coeficiente de 0,0197 (17,95%) amplia a desigualdade, indicando barreiras estruturais mesmo com maior qualificação (Jiménez et al., 2015); para homens, -0,0046 (-4,19%) sugere migração ao emprego formal. Monteiro e Bastos (2022) apontam que a escolaridade reduz a chance de empreender, e Santos, Matos e Cassuce (2019) destacam seu papel na inclusão formal, especialmente entre mulheres.

O Programa Bolsa Família influencia de maneira distinta o empreendedorismo entre os gêneros ao refletir dinâmicas de segurança financeira e risco. Para as mulheres, o coeficiente de -0,0047 reduz a desigualdade em 4,28%, sugerindo que o benefício pode diminuir a necessidade de empreender por sobrevivência ou estimular a autonomia em casos de oportunidade. Para os homens, o coeficiente de 0,0043 amplia a desigualdade em 3,92%, possivelmente pela maior propensão ao risco favorecida pela estabilidade do programa.

A atividade agrícola também apresenta contrastes entre os gêneros, com efeitos opostos na decomposição. Entre mulheres, o coeficiente de 0,0031 contribui com 2,83% para o aumento da desigualdade, enquanto entre homens, o coeficiente de -0,0094 reduz em 8,57%, indicando maior inserção masculina no meio rural. Santos, Matos e Cassuce (2019) destacam que, apesar do domínio masculino no setor, há espaço para mulheres nesse contexto.

A filiação sindical amplia a desigualdade de gênero, com coeficientes de 0,0029 para mulheres (2,64%) e 0,0045 para homens (4,10%), indicando maior incentivo ao empreendedorismo masculino. A localização urbana também contribui, apesar do maior acesso a mercados: para mulheres, 0,0016 (1,46%) e, para homens, 0,0003 (0,27%). Rosa, Orellana e Menezes (2020) e Monteiro e Bastos (2022) observam que, mesmo em áreas urbanas, mulheres enfrentam mais barreiras ao acesso a redes e crédito.

As diferenças regionais evidenciam desigualdades estruturais, no Sudeste, o coeficiente de 0,0015 para mulheres amplia a desigualdade, enquanto o de -0,0007 para homens a reduz. No Nordeste, o coeficiente de -0,0010 indica que o empreendedorismo por necessidade reduz a desigualdade entre mulheres. No Sul, os coeficientes positivos para ambos os gêneros revelam maior desigualdade. Camargo Neto et al. (2017) destacam que os homens seguem com maior probabilidade de empreender em todas as regiões.

Em síntese, algumas variáveis reduzem a desigualdade, enquanto outras a ampliam; as mulheres, porém, enfrentam mais barreiras estruturais e menor acesso a redes e capital. O

modelo de Ordem Reversa confirmou os resultados do modelo *pooled* (10,59% explicados), reforçando a robustez das estimativas. A decomposição de *Fairlie* evidencia as raízes da desigualdade e a urgência de políticas que enfrentem tanto fatores observáveis quanto não observáveis que limitam o potencial empreendedor feminino.

Tabela 3: Decomposição de *Fairlie* para a probabilidade de ser empreendedor, segundo o sexo.

| Variáveis | Mulheres | | Homens | | Pooled | | Pooled (Ordem Reversa) | |
|----------------------------|------------|-------------|------------|-------------|------------|-------------|------------------------|-------------|
| | Coef. | Erro padrão | Coef. | Erro padrão | Coef. | Erro padrão | Coef. | Erro padrão |
| Responsável pelo domicílio | 0.0043*** | 0,0004 | -0.0047*** | 0,0007 | 0.0043*** | 0,0003 | 0.0047*** | 0,0004 |
| Branco | -0.0018*** | 0,0002 | 0.0004*** | 0,0001 | -0.0016*** | 0,0002 | -0.0012*** | 0,0001 |
| 25-34 anos | -0.0043*** | 0,0004 | -0.0030*** | 0,0006 | -0.0040*** | 0,0003 | -0.0004+ | 0,0003 |
| 34-44 anos | -0.0052*** | 0,0002 | -0.0006*** | 0,0001 | -0.0044*** | 0,0001 | -0.0020*** | 0,0003 |
| 45-54 anos | -0.0010*** | 0,0002 | 0.0018*** | 0,0004 | -0.0010*** | 0,0001 | -0.0019*** | 0,0002 |
| 55-64 anos | 0.0046*** | 0,0002 | -0.0024*** | 0,0002 | 0.0043*** | 0,0001 | 0.0046*** | 0,0002 |
| Dois | -0.0006 | 0,0004 | 0.0005*** | 0,0001 | -0.0010** | 0,0004 | -0.0008** | 0,0003 |
| Três ou quatro | -0.0001 | 0,0001 | 0.0002* | 0,0001 | -0.0001+ | 0,0000 | -0.0001 | 0,0001 |
| >Quatro | 0.0003 | 0,0003 | 0.0004 | 0,0002 | 0.0005* | 0,0002 | 0.0002+ | 0,0001 |
| R\$500 -R\$1000 | -0.0010*** | 0,0003 | 0.0001 | 0,0001 | -0.0010*** | 0,0002 | -0.0008*** | 0,0002 |
| R\$1000 -R\$1500 | -0.0050*** | 0,0006 | 0.0005*** | 0,0001 | -0.0035*** | 0,0004 | -0.0023*** | 0,0003 |
| R\$1500 -R\$2500 | -0.0042*** | 0,0006 | -0.0009* | 0,0004 | -0.0029*** | 0,0004 | -0.0011*** | 0,0003 |
| R\$2500 -R\$5000 | 0.0021*** | 0,0002 | -0.0007*** | 0,0002 | 0.0018*** | 0,0002 | 0.0014*** | 0,0004 |
| >R\$5000 | 0.0052*** | 0,0013 | 0.0004 | 0,0005 | 0.0029** | 0,0009 | 0.0014** | 0,0005 |
| Fundamental completo | -0.0001 | 0,0002 | -0.0009*** | 0,0002 | 0.0003 | 0,0002 | 0.0002 | 0,0002 |
| Médio completo | -0.0008*** | 0,0001 | 0.0011** | 0,0003 | -0.0003*** | 0,0001 | 0.0013*** | 0,0002 |
| Superior | 0.0197*** | 0,0012 | -0.0046*** | 0,0007 | 0.0142*** | 0,0008 | 0.0118*** | 0,0007 |
| Bolsa Família | -0.0047** | 0,0014 | 0.0043*** | 0,0007 | -0.0032*** | 0,0006 | -0.0031*** | 0,0006 |
| Aposentado | -0.0002 | 0,0002 | 0.0006*** | 0,0001 | -0.0006*** | 0,0002 | -0.0005** | 0,0001 |
| TV | -0.0000 | 0,0001 | -0.0006*** | 0,0002 | 0.0002* | 0,0001 | 0.0002* | 0,0001 |
| Computador | -0.0003 | 0,0004 | 0.0014*** | 0,0003 | -0.0014*** | 0,0003 | -0.0013*** | 0,0003 |
| Internet | 0.0000 | 0,0003 | 0.0010*** | 0,0003 | -0.0003 | 0,0002 | -0.0003 | 0,0002 |
| 15-39 horas | -0.0021* | 0,0008 | -0.0080*** | 0,0012 | 0.0019*** | 0,0005 | 0.0026*** | 0,0007 |
| 40-44 horas | -0.0052*** | 0,0005 | 0.0079*** | 0,0004 | -0.0091*** | 0,0004 | -0.0089*** | 0,0005 |
| 45-48 horas | -0.0019*** | 0,0002 | 0.0107*** | 0,0008 | -0.0023*** | 0,0001 | -0.0048*** | 0,0003 |
| > 49 horas | 0.0063*** | 0,0008 | -0.0038*** | 0,0009 | 0.0036*** | 0,0006 | 0.0036*** | 0,0006 |
| Sindicato | 0.0029*** | 0,0001 | 0.0045*** | 0,0002 | 0.0031*** | 0,0001 | -0.0006*** | 0,0001 |
| Atividade Agrícola | 0.0031*** | 0,0006 | -0.0094*** | 0,0008 | 0.0060*** | 0,0005 | 0.0056*** | 0,0005 |
| Urbana | 0.0016*** | 0,0003 | 0.0003 | 0,0003 | 0.0011*** | 0,0003 | 0.0010*** | 0,0002 |
| Sudeste | 0.0015*** | 0,0001 | -0.0007* | 0,0003 | 0.0020*** | 0,0001 | 0.0023*** | 0,0002 |
| Nordeste | -0.0010*** | 0,0001 | 0.0000 | 0,0000 | -0.0008*** | 0,0001 | -0.0007*** | 0,0001 |
| Sul | 0.0013*** | 0,0002 | 0.0006** | 0,0002 | 0.0011*** | 0,0001 | 0.0002* | 0,0001 |
| Centro-Oeste | 0.0009*** | 0,0001 | 0.0002* | 0,0001 | 0.0006*** | 0,0001 | 0.0001* | 0,0001 |
| Obs. | 157.063 | | 157.063 | | 157.063 | | 157.063 | |
| Mulheres (Obs.) | 90.466 | | 66.597 | | 90.466 | | 90.466 | |
| Homens (Obs.) | 66.597 | | 90.466 | | 66.597 | | 66.597 | |
| Homens (Prob) | 0,34356 | | 0,23376 | | 0,34356 | | 0,34356 | |
| Mulheres (Prob) | 0,23376 | | 0,34356 | | 0,23376 | | 0,23376 | |
| Diferença Explicada | 0,10980 | | -0,10980 | | 0,10980 | | 0,10980 | |
| Total explicado | 0,01431 | | -0,00348 | | 0,01059 | | 0,01059 | |

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD Contínua (IBGE, 2019). Nota: + p-valor <0,10; * p-valor <0,05; ** p-valor <0,01; *** p-valor <0,001.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo reafirmam o objetivo de investigar os fatores que influenciam a desigualdade de gênero no empreendedorismo no Brasil em 2019, com base nos microdados da PNADC. Apesar da significativa participação feminina, persistem disparidades em relação aos homens. A aplicação da regressão logística e da decomposição de *Fairlie* mostrou que características socioeconômicas, demográficas e regionais afetam de forma distinta a probabilidade de empreender entre os gêneros. Responsabilidade pelo domicílio, raça, idade, renda e educação foram determinantes. Para as mulheres, a dupla jornada limita oportunidades, enquanto para os homens, essa responsabilidade pode funcionar como incentivo à busca por alternativas de renda.

O estudo mostra que a raça é um fator relevante, pois mulheres brancas têm maior probabilidade de empreender do que mulheres de outras raças, evidenciando que as barreiras raciais somadas às de gênero dificultam o acesso ao empreendedorismo. Entre os homens, o efeito da raça é menos expressivo, o que reforça que as desigualdades raciais afetam mais fortemente as mulheres. A idade também se destaca como determinante para ambos os gêneros, com efeito mais acentuado entre mulheres, especialmente em idades mais avançadas, quando a probabilidade de empreender aumenta, reflexo do acúmulo de experiência e da busca por flexibilidade, entre os homens, a tendência é semelhante, mas menos intensa.

A renda e o nível de educação também foram determinantes importantes, uma vez que mulheres de baixa renda tendem a empreender por necessidade, enquanto aquelas com maior escolaridade e renda optam por ocupações formais. Nos homens, a renda também reduz a probabilidade de empreender, mas a influência da educação é menor. Isso indica que o empreendedorismo feminino no Brasil está mais associado à necessidade econômica do que no caso dos homens. A decomposição de *Fairlie* revelou que apenas 13% da diferença de gênero no empreendedorismo é explicada por fatores observáveis, como idade, renda, responsabilidade doméstica e educação. Isso indica que a maior parte da desigualdade decorre de barreiras não observáveis, como fatores culturais e sociais, que dificultam o acesso das mulheres ao mercado empreendedor, evidenciando a persistência de barreiras estruturais.

Este estudo possui algumas limitações relevantes que precisam ser levadas em conta. Primeiramente, a utilização de um modelo *logit* assume uma relação linear entre as variáveis explicativas e as *log-odds* da probabilidade de empreender, o que pode não capturar totalmente a complexidade das interações entre fatores, como gênero e características socioeconômicas. Além disso, o uso de dados transversais de 2019 impede uma análise ao longo do tempo, limitando a compreensão de como os fatores que influenciam o empreendedorismo podem ter mudado, especialmente após eventos como a pandemia de COVID-19. Além disso, a análise regional agregada pode ocultar diferenças significativas entre municípios, tamanhos de cidade e níveis de desenvolvimento.

Para futuras pesquisas podem adotar modelos econométricos mais avançados, como regressões multiníveis, para captar interações entre níveis individual, domiciliar e regional. Estudos longitudinais também são relevantes para analisar a evolução dos determinantes do empreendedorismo ao longo do tempo e diante de eventos como a pandemia. Análises por setores e sub-regiões contribuiriam para compreender melhor as disparidades em contextos específicos. Embora o empreendedorismo feminino esteja em expansão no Brasil, as desigualdades de gênero persistem. Para promover um ambiente mais inclusivo, é fundamental implementar políticas públicas que enfrentem as barreiras de gênero e raça, ampliem o acesso de mulheres e homens a redes, financiamento e recursos, e promovam maior equidade nas oportunidades empreendedoras.

REFERÊNCIAS

- Albagli, S., e Maciel, M. L. (2002). Capital social e empreendedorismo local. In Políticas para promoção de sistemas produtivos locais de MPME. Rio de Janeiro: Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais – Redesist, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Almeida, I. C., Antonialli, L. M., e Gomes, A. F. (2011). Comportamento estratégico de mulheres empresárias: Estudo baseado na tipologia de Miles e Snow. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 10(1), 102–127.
- Almeida, F. M., Valadares, J. L., e Sediyaama, G. S. (2017). A contribuição do empreendedorismo para o crescimento econômico dos estados brasileiros. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(3), 466–494.
- Araújo, I. T., et al. (2018). Empreendedorismo feminino: O contexto social e perfil empreendedor de mulheres no Nordeste brasileiro. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 3(6), 108–127.
- Arroyo, M. R., Fuentes, M. D. M. F., e Jiménez, J. M. R. (2016). Um estudo internacional sobre os fatores que explicam a expectativa de alto crescimento em novos empreendimentos: Uma perspectiva de gênero. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 18, 171–190.
- Archer, K. J., e Lemeshow, S. (2006). Goodness-of-fit test for a logistic regression model fitted using survey sample data. *The Stata Journal*, 6(1), 97–105.
- Audretsch, D. B., Belitski, M., e Desai, S. (2015). Entrepreneurship and economic development in cities. *The Annals of Regional Science*, 55(1), 33–60.
- Barros, A. A., e Pereira, C. M. M. A. (2008). Empreendedorismo e crescimento econômico: Uma análise empírica. *Revista de Administração Contemporânea*, 12(4), 975–993.
- Baumol, W. J. (1990). Entrepreneurship: Productive, unproductive, and destructive. *Journal of Political Economy*, 98(5, Part 1), 893–921.
- Becker, G. (1957). *The economics of discrimination*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Bernat, L. F., Lambardi, G., e Palacios, P. (2017). Determinants of the entrepreneurial gender gap in Latin America. *Small Business Economics*, 48, 727–752.
- Blau, D. M. (1987). A time-series analysis of self-employment in the United States. *Journal of Political Economy*, 95(3), 445–467.
- Blinder, A. S. (1973). Wage discrimination: Reduced form and structural estimates. *Journal of Human Resources*, 8(4), 436–455.
- Caliendo, M., Fossen, F. M., e Kritikos, A. S. (2014). Personality characteristics and the decisions to become and stay self-employed. *Small Business Economics*, 42(4), 787–814.
- Camargo Neto, R. P., et al. (2017). Condicionantes do empreendedorismo no Brasil: Uma análise regional. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, 11(4), 447–466.
- Cameron, A. C., e Trivedi, P. K. (2005). *Microeconometrics: Methods and applications* (1st ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Casson, M. (2010). *Entrepreneurship: Theory, networks, history*. Northampton, MA: Edward Elgar Publishing.
- Castanhar, J. C. (2007). *Empreendedorismo e desenvolvimento regional no Brasil: Uma análise da relação entre a criação de empresas e o desenvolvimento regional ao longo do tempo e de estratégias de empreendedores selecionados* (Tese de Doutorado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Céspedes, C. H. R., e Fochezatto, A. (2015). Fatores determinantes do empreendedorismo nos municípios do Rio Grande do Sul: Uma perspectiva espacial. In XIII Encontro Nacional de Economia Regional e Urbana - ENABER, Brasil.

- Corrêa Junior, C. B., Trevisan, L. N., e Pinto de Mello, C. H. (2019). Impactos do Programa Bolsa Família no mercado de trabalho dos municípios brasileiros. *Revista de Administração Pública*, 53(5), 838–858.
- Cromie, S. (1987). Similarities and differences between women and men business proprietorship. *International Small Business Journal*, 5(3), 43–60.
- Davies-Netzley, S. (2000). *Gendered capital: Entrepreneurial women in American society*. New York: Garland Publishing.
- Dézsi-Benyovszki, A. (2016). Female entrepreneurial activity in Romania. *Theoretical and Applied Economics*, 23(1), 5–14.
- Degen, R. J. (2009). *O empreendedor: Empreender como opção de carreira*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Faggio, G., e Silva, O. (2014). Self-employment and entrepreneurship in urban and rural labour markets. *Journal of Urban Economics*, 84, 67–85.
- Fairlie, R. W. (1999). The absence of the African-American owned business: An analysis of the dynamics of self-employment. *Journal of Labor Economics*, 17(1), 80–108.
- Fairlie, R. W. (2006). An extension of the Blinder-Oaxaca decomposition technique to logit and probit models. *Journal of Economic and Social Measurement*, Discussion Paper No. 1917.
- Fairlie, R. W., e Meyer, B. D. (1999). Ethnic and racial self-employment differences and possible explanations. *Journal of Human Resources*, 31(4), 757–793.
- Fairlie, R. W., e Robb, A. M. (2008). Gender differences in business performance: Evidence from the Characteristics of Business Owners Survey (IZA Discussion Paper No. 3718). Bonn: Institute for the Study of Labor (IZA).
- Ferraz, B. L. (2019). *O perfil das mulheres empreendedoras na zona rural do Brasil* (Monografia, Bacharelado em Ciências Econômicas). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS.
- Fossen, F. M. (2012). Gender differences in entrepreneurial choice and risk aversion – A decomposition based on a microeconomic model. *Applied Economics*, 44(14), 1795–1812.
- Franzke, S., Wu, J., Froese, F. J., e Chan, X. C. (2022). Female entrepreneurship in Asia: A critical review and future directions. *Asian Business & Management*. <https://doi.org/10.1057/s41291-022-00186-9>
- Furdas, M. D., e Kohn, K. (2010). What's the difference? Gender, personality, and the propensity to start a business (IZA Discussion Paper No. 4778). Retrieved from SSRN.
- Greene, W. H. (2020). *Econometric analysis* (8th ed.). Harlow: Pearson.
- Global Entrepreneurship Monitor – GEM. (2017). *Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo*. Curitiba: IBQP.
- Global Entrepreneurship Monitor – GEM. (2018). *Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo*. Curitiba: IBQP.
- Global Entrepreneurship Monitor – GEM. (2020). *Empreendedorismo no Brasil: Executivo 2019/2020*. Curitiba: IBQP.
- Grilo, I., e Thurik, A. R. (2006). Entrepreneurship in the old and new Europe. In *Entrepreneurship, Growth, and Innovation* (pp. 75–103). Springer.
- Hammarstedt, M. (2009). Predicted earnings and the propensity for self-employment: Evidence from Sweden. *International Journal of Manpower*, 30(4), 349–359.
- Hapsari, N. R., e Soeditaningrum, N. (2018). Cultural factors on female entrepreneurship: A literature review. *E3S Web of Conferences*, 73, 11018.
- IBGE (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: 2019*. Rio de Janeiro.
- Jann, B. (2008). The Blinder–Oaxaca decomposition for linear regression models. *The Stata Journal*, 8(4), 453–479.
- Jiménez, A., et al. (2015). The impact of educational levels on formal and informal entrepreneurship. *BRQ Business Research Quarterly*, 18(3), 204–212.

- Johansson, E. (2000). Self-employment and the predicted earnings differential: Evidence from Finland. *Finnish Economic Papers*, 13, 45–55.
- Lucas, R. E. (1978). On the size distribution of business firms. *The Bell Journal of Economics*, 9(2), 508–523.
- Martens, A. C. B. (2010). Weber e Schumpeter: A ação econômica do empreendedor. *Revista de Economia Política*, 30(2), 254–270.
- Menezes, G., Queiroz, V. S., e Feijó, F. T. (2015). Determinantes do empreendedorismo no Brasil: Uma análise da escolha ocupacional e dos rendimentos. In *Anais do XIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (ENABER)*. Curitiba, PR.
- Mesquita, R., e Oliveira, C. A. (2016). Os diferenciais de salário por gênero no Rio Grande do Sul: Uma aplicação do modelo de Heckman e da decomposição de Oaxaca-Blinder. *REDES: Revista do Desenvolvimento Regional*, 21(1), 148–173.
- Minola, T., Criaco, G., e Obschonka, M. (2016). Age, culture, and self-employment motivation. *Small Business Economics*, 46(2), 187–213.
- Monteiro S. R., e Bastos, A.L. (2022). Determinantes do empreendedorismo brasileiro: Uma análise por setores. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, 19(33), 57–76.
- Moreira, R. F. C. (2013). Empreendedorismo e inclusão produtiva: Uma análise de perfil do microempreendedor individual beneficiário do Programa Bolsa Família. *Radar: Tecnologia, Produção e Comércio Exterior*, 25, 19–32.
- Moraes, I. S. (2017). Diferencial de salário do empreendedor brasileiro (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS.
- Moraes, I. S., e Menezes, G. (2024). Disparidades raciais no empreendedorismo brasileiro: Uma década de insights a partir de dados da PNADC (2012–2023). In *XXVII Encontro de Economia da Região Sul*. Paraná.
- Oliveira, V. R. de O., e Jacinto, P. de A. (2017). Decompondo o retorno do empreendedorismo feminino brasileiro: Uma análise idade-período-coorte. In *XX Encontro de Economia da Região Sul*.
- Oaxaca, R. (1973). Male-female wage differentials in urban labor markets. *International Economic Review*, 14(3), 693–709.
- Oaxaca, R. L., e Ransom, M. R. (1994). On discrimination and the decomposition of wage differentials. *Journal of Econometrics*, 61(1), 5–21.
- Olarewaju, T., e Fernando, J. (2020). Gender inequality and female entrepreneurship in developing countries. In *Decent Work and Economic Growth* (pp. 473–481). Cham: Springer International Publishing.
- Paes, N. N., et al. (2019). Determinantes do empreendedorismo no Rio Grande do Sul. *Sinergia - Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis*, 23(2), 59–68.
- Parker, S. C. (2009). *The economics of entrepreneurship* (Vol. 1). New York: Cambridge University Press.
- Parker, S. C. (2018). *The economics of entrepreneurship* (2nd ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Queiroz, V. S., e Vian, G. A. (2016). Os determinantes do empreendedorismo entre idosos brasileiros: Evidências empíricas a partir dos dados das PNADs de 2003 e 2013. In *XIV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (ENABER)*. Aracaju, SE.
- Rietveld, C. A., e Patel, P. C. (2022). Gender inequality and the entrepreneurial gender gap: Evidence from 97 countries (2006–2017). *Journal of Evolutionary Economics*, 32(4), 1205–1229.
- Román, S. M., e Brändle, G. (2016). Abilities and skills as factors explaining the differences in women entrepreneurship. *Suma de Negócios*, 7(15), 38–46.

- Rosa, S. S. da Orellana, V. dos S. Q., e Menezes, G. R. (2020). Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil e regiões. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, 14(4), 690–713.
- Santos, T. R., Matos, W. S., e Cassuce, F. C. (2019). Determinantes do diferencial de acesso de homens e mulheres no mercado de trabalho formal no Brasil. *Revista Estudo & Debate*, 26(4).
- Schumpeter, J. A. (1934). *The theory of economic development: An inquiry into profits, capital, credit, interest and the business cycle*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2018). Data Sebrae. Retrieved from <http://datasebrae.com.br/> (Accessed 12/01/2024).
- SEBRAE. (2019). Empreendedorismo feminino: Desafios e oportunidades. Retrieved from <https://sebraemg.com.br/empreendedorismo-feminino-desafios-oportunidades/> (Accessed 26/03/2024).
- Serpa, M., Celeste, R. K., e Fochezatto, A. (2022). Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil: Aplicação de um modelo de escolha ocupacional usando microdados da PNAD de 2015. In XXV Encontro de Economia da Região Sul. Porto Alegre.
- Still, L., e Timms, W. (2000). Women's business: The flexible alternative workstyle for women. *Women in Management Review*, 15(5/6), 272–283.
- Tay, R. S. (1996). Degree of entrepreneurship: An econometric analysis using the ordinal probit model (Discussion Paper No. 25). Canterbury: Lincoln University, Department of Economics and Marketing.
- Taylor, M. P. (1996). Earnings, independence or unemployment: Why become self-employed? *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*, 58(2), 253–266.
- Tamvada, J. P. (2007). *Essays on entrepreneurship and economic development* (Doctoral thesis). University of Göttingen, Göttingen.
- Vieira, J., e Jacinto, P. (2012). Religião e empreendedorismo no Brasil: Uma análise utilizando modelos de escolha ocupacional. *PPGE/PUCRS*, 1–21.
- Welsch, H., e Young, E. (1984). Male and female entrepreneurial characteristics and behaviours: A profile of similarities and differences. *International Small Business Journal*, 2(4), 11–20.
- Wit, G., e Winden, V. F. A. (1989). An empirical analysis of self-employment in the Netherlands. *Small Business Economics*, 1(4), 263-272.